

ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE DISCURSO PAPAL: EVANGELIZAR PELO VOLUNTARIADO

Francisca Cordelia Oliveira da SILVA

Samantha Resende NASCIMENTO

Universidade de Brasília- UnB

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a análise discursiva dos temas abordados no discurso *Encontro com os voluntários da XXVIII JMJ*, proferido pelo Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em 2013. Tomando como referencial teórico a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001), buscamos, por meio da análise do discurso do Papa, compreender como é constituída discursivamente a mensagem do líder religioso a respeito do trabalho voluntário e da vocação a que os jovens são chamados a enfrentar. O estudo evidencia que, por meio de suas palavras/discurso, o Papa Francisco consegue se aproximar de seu público, com vocabulário simples e amoroso, que expressa o objetivo de encaminhar os fieis por um caminho que julga justo e correto.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Discurso religioso. Voluntariado.

CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS OF PAPAL SPEECH: EVANGELIZE BY VOLUNTEERS

Abstract: This study aims to present the discursive analysis of the topics covered in the speech MEETING WITH VOLUNTEERS XXVIII World Youth Day, delivered by Pope Francis in the World Youth Day in Rio de Janeiro in 2013. Taking as a theoretical reference the Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001), seek, through the Pope discourse analysis, understand how discursively constituted the message of the religious leader about the volunteer work and vocation that young people are called to face. The study shows that, through his words / speech, the Pope Francis can get closer to his audience, with a simple and loving vocabulary that expresses the purpose of forwarding the faithful in a way that considers just and fair.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Religious discourse. Volunteering.

ANÁLISIS DISCURSIVO CRÍTICO DEL DISCURSO PAPAL: EVANGELIZAR POR EL VOLUNTARIADO

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo presentar el análisis discursivo de los temas abordados en el discurso del *Encuentro con los voluntarios de la XXVIII JMJ*, proferido por el Papa Francisco en la Jornada Mundial de la Juventud en Río de Janeiro en 2013. Teniendo como referencial teórico el Análisis de Discurso Crítico (FAIRCLOUGH, 2001), buscamos, con el análisis de lo discurso del Papa, comprender como es hecho discursivamente el mensaje de un líder religioso con respecto del trabajo voluntario y de la vocación a que los jóvenes son llamados a enfrentarse. El estudio pone en evidencia que, a través de sus palabras/discurso, el Papa Francisco consigue acercarse de su público, con un vocabulario simple y amoroso, que expresa el objetivo de encarrilar los fieles por un camino que juzga justo y correcto.

Palabras clave: Análisis de Discurso Crítico. Discurso religioso. Voluntariado.

PARA COMEÇAR...

No ano de 2013, ocorreu no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), a Jornada Mundial da Juventude (JMJ). A JMJ é um evento da Igreja Católica Apostólica Romana, instituído pelo Papa João Paulo II em 20 de dezembro de 1985. A JMJ acontece, normalmente, a cada dois anos e tem o intuito de reunir católicos do mundo inteiro, sobretudo os jovens, com o Papa, chefe da Igreja Católica Apostólica Romana. É uma celebração em que pessoas se confraternizam e têm a oportunidade de trocas de experiências, culturas, costumes e de vivências de fé. Com duração de cerca de uma semana, o evento é composto por várias atividades: *shows*, celebrações litúrgicas, catequese e outros. Durante o evento, vários são os momentos em que o Papa profere discursos, e na JMJ de 2013, o Papa Francisco¹ realizou inúmeros discursos para todos que estiveram presentes.

Entre as palavras proferidas pelo Papa Francisco, um dos últimos discursos foi o voltado para os voluntários da JMJ, jovens que estiveram, durante os dias do evento, colaborando em inúmeras atividades: na edição do Rio de Janeiro em torno de 12 mil voluntários trabalharam. No discurso proferido aos voluntários, o Papa aborda temas como trabalho voluntário e vocação, busca, na sua fala, apresentar formas para impelir o povo brasileiro a uma missão de

¹ O argentino Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, foi eleito papa em 13 de março de 2013, e apresentou-se ao mundo como Papa Francisco, nome escolhido em lembrança a São Francisco de Assis. Além de ser líder espiritual da Igreja, o Papa é também Bispo e chefe do Estado da Cidade do Vaticano em Roma, em que detém os poderes legislativo, executivo e judicial.

serviço, considerando que o trabalho voluntário envolve a doação de serviço com interesse social e comunitário, sem recebimento de remuneração ou de lucros.

Considerando esse contexto de produção do discurso a ser aqui analisado, o objetivo deste artigo é, por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC), analisar discursivamente os temas abordados no discurso do Papa. Procuramos, por meio da análise do discurso do Papa Francisco, compreender a mensagem a respeito do trabalho voluntário e da vocação a que os jovens são, de acordo com o Pontífice, chamados a seguir. O que é apresentado como conteúdo pelo Papa em suas falas públicas, normalmente, vai de encontro à realidade da (pós)modernidade, como a cultura do provisório e as características de uma sociedade em que o acesso à informação é muito rápido e que a curiosidade por saber o que grandes líderes no mundo dizem pode ser uma forma de criticar ou, até mesmo, de valorizar figuras que, como o Papa, influenciam milhares de pessoas em todo o mundo.

No presente artigo, para chegar ao objetivo almejado, abordaremos os estudos dos seguintes teóricos: Anthony Giddens (1991), Zygmunt Bauman (2001, 2004), Fairclough (2001) e Stuart Hall(1997).

1. ENTENDENDO A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

Este estudo toma como base teórica a Análise do Discurso Crítica (ADC), uma abordagem teórico-metodológica que estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, e propõe também um quadro teórico e metodológico para descrever, interpretar e explicar a linguagem, considerando seu contexto social e histórico de produção. A ADC se opõe ao estudo formal da linguagem e tem como objetivo explicitar no discurso aquilo que está encoberto, que não é percebido imediatamente.

No livro *Discurso e Mudança Social* (2001), Norman Fairclough discorre sobre instrumentos que servem de método para o estudo do discurso, considerando que ele não é apenas uma atividade individual ou reflexo de variáveis situacionais; nessa perspectiva, o autor considera o uso da linguagem como forma de prática social (FAIRCLOUGH, 2001).

Fairclough (2001) considera o discurso como um modo de ação, sendo uma forma das pessoas poderem agir sobre o mundo e influenciar os outros; e também um tipo de representação. O pesquisador afirma que o discurso contribui direta ou indiretamente para a constituição das estruturas sociais, com significações. Faz parte da prática discursiva a maneira convencional e a criativa como se reproduz a sociedade, as identidades sociais, as relações sociais, os sistemas de conhecimentos e as crenças, e essa mesma prática discursiva possui a autonomia de transformar essas estruturas. Assim, consoante o mesmo autor: “É importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção social do discurso.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

A ADC é uma espécie de campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas; é heterogênea por possuir um enorme campo de abordagens; é instável por necessitar da interdisciplinaridade. Resende & Ramalho (2011) destacam que a pesquisa em ADC se justifica nos estudos que relacionam o uso da linguagem e que envolvem o poder. Compreendendo que a ADC é uma das ferramentas para a investigação de problemas sociais, a análise linguística colabora diretamente para a crítica social por meio do discurso.

Para Fairclough (2001), a prática social é uma dimensão do evento discursivo, tendo assim várias orientações, podendo ser de ordem política, econômica, cultural ou ideológica, mas, na obra supramencionada, ele destaca o discurso como um modo de prática política e ideológica. O autor propõe, de forma clara, que o discurso, como a prática política e a prática ideológica, estabelece relações de poder e transformações nos significados do mundo e em entidades coletivas como classes, comunidades e grupos da sociedade. Fairclough (2001), em seus estudos, concorda com as palavras de Frow (1985) que afirma que diferentes tipos de discursos, em diferentes domínios ou ambientes institucionais, podem vir a ser ‘investidos’ política ou ideologicamente.

Um ponto que se destaca no texto de Fairclough (2001) é a forma como o autor reúne três orientações linguísticas que geralmente são usadas para analisar discursos, são elas: o texto, a prática discursiva (produção, distribuição e consumo) e a prática social. A análise do discurso como texto é dividido em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura

textual, sendo que: a) o vocabulário aquele que trata das palavras individualmente; b) a gramática analisa como as palavras são combinadas em orações e frases; c) a coesão trata a ligação entre orações e frases; e d) a estrutura textual trata das propriedades de ordem do texto (FAIRCLOUGH, 2001).

Fairclough (2001, p. 106) explica que a prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, com isso, a origem desses processos varia entre os diferentes discursos. Nessa ótica, é preciso compreender ainda que o texto é produzido de forma particular nos diferentes contextos sociais, assim um artigo de um jornal vai variar - forma, conteúdo, linguagem etc. - de acordo com o tipo de veículo em que produzido - papel ou online, por exemplo. Assim como variam as diferentes formas sociais em que um texto é consumido, sendo individual ou coletivo, podendo ter formas diferentes de leitura e de produção.

Ao discorrer sobre o discurso como prática social, o autor apresenta o conceito de discurso relacionado à ideologia e à hegemonia. Em relação à ideologia, Fairclough (2001) considera a teoria de Althusser em que a ideologia tem existência material nas práticas das instituições e nos atos concretos. A ideologia aborda os sujeitos e considera os aparelhos ideológicos do estado (instituições) como locais e marcos delimitadores na luta de classe. Essas asserções oferecem espaço para uma análise do discurso orientada ideologicamente.

O conceito de hegemonia é apresentado pelo autor como sendo a relação de poder, liderança e dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Por meio do discurso, a hegemonia torna-se uma forma de analisar a prática social, as relações de poder e as ordens dos discursos que existem. Fairclough (2001) destaca ainda que a mudança social apresenta novos caminhos aos discursos por meio do momento em que ocorre.

Para complementar os conceitos amplamente tratados por Fairclough (2001), recorreremos à obra *Introdução à Análise do Discurso* (2004), de Helena Hathsue Nagamine Brandão. Brandão (2004) aponta que a linguagem é o lugar do conflito e que não há como ser

estudada fora da sociedade, não podendo ser desvinculada de suas condições de produção, assim como afirma Fairclough (2001).

Complementarmente aos estudos e escritos de Fairclough (2001), Ramalho e Resende (2011), na obra *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*, apresentam métodos e aplicações da ADC. Baseadas em Fairclough, as autoras reforçam o conceito de linguagem como prática social e como instrumento de poder, que articula estudo linguístico e social do discurso: "A Análise de Discurso Crítica, em um sentido amplo, refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social". (RESENDE & RAMALHO, 2011, p. 12).

Passando pelos conceitos de discurso como prática social, envolvida em estruturas sociais desenvolvidas por ações individuais, Resende & Ramalho (2011) justificam, de forma concisa, o fato de a ADC pesquisar a linguagem como sistema discursivo que faz parte de um momento de toda prática social. As autoras relacionam a perspectiva crítica da ADC com a Ciência Social Crítica, comprometida com o questionamento de pontos políticos e morais da vida social e com o Realismo Crítico, que é sustentado por três domínios da realidade, o *potencial*, o *realizado* e o *empírico*, em que o primeiro refere-se aos poderes causais, o segundo refere-se ao que acontece no momento em que esses poderes são ativados e o terceiro ao domínio da experiência dessas ações. As autoras vão, assim, detalhando a abordagem teórico-metodológica da ADC.

Relacionando a teoria de Fairclough (2001), Resende & Ramalho (2011) apontam que a linguagem é parte integrante e irredutível do social, faz parte do movimento da vida social, entendendo assim que:

O discurso tem três principais significados nas práticas: ação e interação, representação de aspectos do mundo e (auto) identificação. Esses três significados são simultâneos em toda prática: a linguagem é funcionalmente complexa. (RESENDE & RAMALHO, 2011, p. 43 e 44).

As autoras apresentam ainda a ADC como abordagem teórico-metodológica para estudos na área do discurso, como o planejamento de pesquisas qualitativas, investigações, pesquisas etnográficas e pesquisas documentais, explorando a ideia de que a ADC é uma

proposta para estudos da linguagem que visa alcançar níveis mais profundos, mecanismos causais discursivos e seus efeitos num mundo social e as maneiras como determinam as relações de poder. E é nessa linha de análise - dos mecanismos discursivos - que este trabalho se insere.

As autoras explicam a proposta da ADC como meio de estudo, em que se parte de uma identificação de um problema social e da identificação dos elementos que causam o problema, por meio de três tipos de análise: análise de conjuntura, análise da prática particular e análise de discurso. É quando Resende & Ramalho (2011) explicam que a AD não se limita a uma análise de texto e sim a inúmeras leituras em outras áreas, pois só assim haverá a possibilidade de uma compreensão mais ampla da problemática do discurso social pesquisado. Daí se considerar a ADC uma abordagem interdisciplinar.

Assim como Resende & Ramalho (2011), Brandão (2004) também explora os conceitos de AD em diversas áreas, apresentando a reflexão de alguns autores a respeito da AD e a linguagem como um fenômeno que deve ser estudado em relação ao sistema interno e aos sistemas ideológicos, mostrando as ideias de Marx, Althusser e Paul Ricouer. Brandão (2004) considera que os conceitos que o Foucault apresenta sobre a definição de discurso foram fecundos para quem se habilitou a pesquisar a linguística visando ao discurso. A partir daí, a autora traça uma linha entre formação ideológica e formação discursiva em que o discurso é um dos aspectos materiais da ideologia, tendo influências das formações ideológicas.

A autora considera importante a noção de sujeito nas relações discursivas. Dando ênfase ao papel do sujeito, Brandão (2004) diz que, para a Análise do Discurso, a concepção de sujeito perde a polaridade centrada ora no *eu* ora no *tu* e que se enriquece como uma relação dinâmica entre identidade e alteridade, ou seja, o centro da relação está focado no espaço discursivo entre ambos. Ao final de todo o percurso teórico apresentado, a autora conclui que

À medida que passa a se incorporar a relação locutor-ouvinte, numa perspectiva dialógica, como elemento fundamental no processo de significação, entra para o âmbito dos estudos linguísticos a preocupação com o social, com as condições de produção. (BRANDÃO, 2004, p. 84)

É nesse ponto que a autora discorre sobre o que seria a subjetividade segundo Benveniste, sendo a capacidade do locutor se colocar como sujeito do seu próprio discurso. Seguindo por Authier-Revuz, Bakhtin e Ducrot, Brandão (2004) trabalha ainda de forma concisa com outras noções sobre a presença do sujeito no discurso. Ressalta a importância de Ducrot sobre a questão da polifonia no discurso, da presença marcante do sujeito falante, sendo responsável direto pela atividade do enunciado.

Fundamentada em Fairclough, Brandão (2004) apresenta a noção de interdiscursividade como sendo a relação de um discurso com outros, que todo discurso possui vozes de outro discurso; que, no discurso, suas condições semânticas se concretizam em um espaço de trocas. Assim como Fairclough (2001), discorre sobre a influência de poderes no discurso e sobre como o social está totalmente envolvido no discurso, no qual o sujeito é peça extremamente importante.

Concluído esse breve levantamento de conceitos da ADC, tendo como foco a descrição de seu quadro teórico-metodológico, passamos à análise do discurso escolhido.

2. ANÁLISE DISCURSIVA: ENCONTRO COM VOLUNTÁRIOS

Inicialmente, passamos à apresentação do discurso *ENCONTRO COM OS VOLUNTÁRIOS DA XXVIII JMJ*, proferido pelo Papa Francisco em 28 de julho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro. Com duração aproximada de 12 minutos, no texto, o Papa reiterou temas que já havia tratado durante os dias anteriores em que esteve no Brasil. O texto foi retirado do site oficial do Vaticano. O discurso em análise é dirigido aos jovens, mas é recebido por milhares de pessoas do mundo inteiro. Em livros e pela internet, é possível o acesso a este discurso, em texto e vídeo.

Encontro com os Voluntários da XXVIII JMJ no Rio Centro Papa Francisco
Pavilhão 5 do Rio Centro, Rio de Janeiro - 28 DE JULHO DE 2013

Queridos voluntários, boa tarde! Não podia regressar a Roma sem antes agradecer, de modo pessoal e afetuoso, a cada um de vocês pelo trabalho e dedicação com que acompanharam, ajudaram, serviram aos milhares de jovens peregrinos; pelos inúmeros pequenos detalhes que fizeram desta Jornada Mundial da Juventude uma experiência inesquecível de fé. Com os sorrisos de cada um de vocês, com a gentileza, com a disponibilidade ao serviço, vocês provaram que “há maior alegria em dar do que em receber” (At 20,35).

O serviço que vocês realizaram nestes dias me lembrou da missão de São João Batista, que preparou o caminho para Jesus. Cada um, a seu modo, foi um instrumento para que milhares de jovens tivessem o “caminho preparado” para encontrar Jesus. E esse é o serviço mais bonito que podemos realizar como discípulos missionários: preparar o caminho para que todos possam conhecer, encontrar e amar o Senhor.

A vocês que, neste período, responderam com tanta prontidão e generosidade ao chamado para ser voluntários na Jornada Mundial, queria dizer: sejam sempre generosos com Deus e com os demais. Não se perde nada; ao contrário, é grande a riqueza da vida que se recebe! Deus chama para escolhas definitivas, Ele tem um projeto para cada um: descobri-lo, responder à própria vocação significa caminhar na direção da realização jubilosa de si mesmo. A todos Deus nos chama à santidade, a viver a sua vida, mas tem um caminho para cada um. Alguns são chamados a se santificar constituindo uma família através do sacramento do Matrimônio. Há quem diga que hoje o casamento está “fora de moda”; está fora de moda? Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é “curtir” o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas, “para sempre”, uma vez que não se sabe o que reserva o amanhã.

Em vista disso eu peço que vocês sejam revolucionários, que vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, que não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de “ir contra a corrente”. Tenham a coragem de ser felizes!

O Senhor chama alguns ao sacerdócio, a se doar a Ele de modo mais total, para amar a todos com o coração do Bom Pastor. A outros, chama para servir os demais na vida religiosa: nos mosteiros, dedicando-se à oração pelo bem do mundo, nos vários setores do apostolado, gastando-se por todos, especialmente os mais necessitados. Nunca me esquecerei daquele 21 de setembro – eu tinha 17 anos – quando, depois de passar pela igreja de San José de Flores para me confessar, senti pela primeira vez que Deus me chamava. Não tenham medo daquilo que Deus lhes pede! Vale a pena dizer “sim” a Deus. N’Ele está a alegria!

Queridos jovens, talvez algum de vocês ainda não veja claramente o que fazer da sua vida. Peça isso ao Senhor; Ele lhe fará entender o caminho. Como fez o jovem Samuel, que ouviu dentro de si a voz insistente do Senhor que o chamava, e não entendia, não sabia o que dizer, mas, com a ajuda do sacerdote Eli, no final respondeu àquela voz: Senhor, fala que eu escuto (cf. 1 Sm 3,1-10). Peçam vocês também a Jesus: Senhor, o que quereis que eu faça, que caminho devo seguir? Caros amigos, novamente lhes agradeço por tudo o que fizeram nestes dias. Não se esqueçam de nada do que vocês viveram aqui! Podem contar sempre com minhas orações, e sei que posso contar com as orações de vocês.

Para começar a análise aqui empreendida, analisaremos as formas como o Pontífice se dirige a sua audiência.

(1) Queridos voluntários!

Assim o Papa Francisco começa seu discurso, uma forma de tratamento diferente de outros discursos mais conhecidos e tradicionais, mas, ao ter contato com outros textos do Papa Francisco, é possível perceber a relação mais pessoal com que ele se dirige ao seu público. Com

esse cumprimento, o Papa demonstra afeto e proximidade com aqueles a quem fala, os jovens voluntários presentes no local, mas também proximidade com outros milhares que poderão ter contato com o discurso.

No decorrer do discurso, o Papa se utiliza de outros vocativos como no fragmento:

(2) A vocês,

Presente no terceiro parágrafo, momento em que ele se dirige aos voluntários para agradecer pela generosidade demonstrada nos trabalhos realizados durante o evento. Ao final do texto, ele recorre ao uso de mais outros dois vocativos que expressam ainda mais a relação de chamamento e de relacionamento amigável entre ele e as pessoas que o escutam.

(3) Queridos jovens

(4) Caros amigos,

Normalmente, os sacerdotes durante os anos de estudos e formação no seminário, para tornar-se padres, recebem aulas de oratória, para saber como fazer discursos, homílias e como falar em público. Portanto, ao notar o vocabulário escolhido pelo Papa Francisco nesse discurso, mas também em outros, é possível perceber a atenção para as palavras utilizadas por ele. O público é tratado de forma com que seja atraído para o tema que está sendo tratado, assim é mencionado de forma mais pessoal, íntima, fraterna e até mesmo carinhosa.

Um segundo recurso utilizado pelo Papa Francisco no discurso analisado é o uso de metáforas, um recurso linguístico que, segundo Lakoff e Johnson (1980), é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos. No fragmento:

(5) “...eu peço que vocês sejam revolucionários, que vão contra a corrente...”

O uso das metáforas - ser revolucionário e ir contra a corrente - indica que os voluntários devam ir contra a maioria das pessoas, contra uma cultura de superficialidade e de homogeneidade e que iniciem uma verdadeira busca pelos valores defendidos pelo pontífice. É importante mencionar que aqui temos o uso da metáfora bélica (LAKOFF e JOHNSON, 1980)- ser revolucionário [iniciar um revolução] -, mas transposta para o domínio discursivo religioso

em que assume acepção positiva e relaciona-se ao fato de mudar conceitos, ser diferente, iniciar mudanças/revoluções.

A metáfora *ir contra a corrente* remete ao movimento da água, em que a correnteza vai mais rápido, vai além do fluxo normal. Assim, o Papa Francisco expressa, em suas palavras, que aquele público não siga o caminho (considerado) normal pela maioria das pessoas, o caminho aparentemente mais fácil. Isso, de forma indireta, remete à metáfora bíblica de escolher a menor porta, a "porta estreita", ou seja, aquela visualmente mais difícil de acessar, mas que leva ao caminho correto.

Seguindo a leitura do discurso e sua análise, percebe-se que o Papa Francisco cita temas relevantes que, hoje em dia, determinam o comportamento de parte da juventude. A partir do terceiro parágrafo, o trecho traz à tona a temática relacionamento. Ao entrar nesse assunto, é importante considerar que grande parte da juventude cristã é a favor do matrimônio somente entre homem e mulher. Com tom de autoridade e, ao mesmo tempo, como um conselho, o Papa discorre sobre as ideias para que aqueles jovens se posicionem firmemente contra o que a maioria das pessoas segue atualmente. Esse posicionamento aparece no fragmento a seguir:

(6) Alguns são chamados a se santificar constituindo uma família através do sacramento do Matrimônio. Há quem diga que hoje o casamento está "fora de moda"; está fora de moda? Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é "curtir" o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas, "para sempre", uma vez que não se sabe o que reserva o amanhã.

O Papa traz, neste fragmento, uma temática muito discutida atualmente, que são os tipos de relações sociais, os tipos de comprometimento entre as pessoas, ou a sua inexistência. Comportamentos humanos contemporâneos que, na percepção do Papa, impedem as pessoas de fazerem escolhas definitivas e seguras, escolhas que sejam "para sempre", conforme aponta. Isso também é reiterado quando o Pontífice usa o termo "cultura do provisório".

O sociólogo Zygmunt Bauman, em sua mais conhecida obra no Brasil "*Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*" e também na obra "*Modernidade Líquida*", define esses tipos de relações que o Papa Francisco fala em seu discurso. Segundo Bauman (2004), as

relações humanas contemporâneas se caracterizam a partir da fragilidade e da flexibilização com que se apresentam. Para o Papa, um homem sem vínculos e sem compromisso com o outro indivíduo é tomado pela influência de uma sociedade mergulhada em redes sociais e tecnologia, e, por isso, fica cada vez mais distante de uma afinidade verdadeira e concreta. Com esse trecho, o Papa Francisco traz para seu texto uma abordagem dessas relações superficiais que, na visão da Igreja que ele representa, precisam ser superadas.

Outro recurso utilizado pelo Papa é a referência a outros textos, em especial a passagens bíblicas, o que configura o recurso da Intertextualidade. Francisco faz uso de passagens da Bíblia para fundamentar suas palavras quando fala sobre o chamado a vocação. Como embasamento, ele cita duas passagens: o livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 20, versículo 35, e o livro de 1 Samuel, capítulo 3, versículos de 1 a 10. Trechos conhecidos pelos voluntários, pela mensagem de chamado e de vocação.

(7) “há maior alegria em dar do que em receber.

(8) Senhor, fala que eu escuto.

Com o uso da referência a fragmentos da Bíblia, o discurso religioso se enriquece e isso traz atualidade às palavras, pois a Bíblia apresenta inúmeras parábolas e histórias que podem ser comparadas com a atualidade, como ocorre no livro de Samuel em que é relatado o chamado de Deus feito a Samuel. O Papa o usa, assim, para comparar com o chamado a uma vocação que hoje muitos recebem e a que muitos atendem, por exemplo, quando se dispõem a atuar como voluntários em eventos como a JMJ.

O trecho do capítulo 20 dos Atos dos Apóstolos assevera que: *Em tudo vos tenho mostrado que assim, trabalhando, convém acudir os fracos e lembrar-se das palavras do Senhor Jesus, porquanto ele mesmo disse: É maior felicidade dar que receber!”*

Com essa passagem bíblica, ele demonstra a gratidão pelo trabalho voluntário daqueles ali presentes, que, por meio de atitudes de doação, demonstraram alegria e vontade ao se doar em serviço durante o evento. Tendo o uso do livro da Bíblia como referência, o Papa mostra o que tem a oferecer aos presentes.

Ao longo de seu discurso, é possível perceber e reconhecer o Papa, o Chefe de Estado do Vaticano, como um homem acessível, sua identidade é posta em suas palavras, transformada na mensagem (discurso) que é passada ao público. Isso se evidencia no trecho em que ele fala de sua própria experiência de chamado ao sacerdócio:

(9) Nunca me esquecerei daquele 21 de setembro – eu tinha 17 anos – quando, depois de passar pela igreja de San José de Flores para me confessar, senti pela primeira vez que Deus me chamava.

Essa passagem revela muito sobre o jovem que o Papa foi e que se sentiu chamado por Deus a seguir uma vocação determinada, imprimindo sua identidade no discurso. Aqui, mais uma vez, ele se aproxima do seu ouvinte, pois, mesmo estando em uma posição de destaque na hierarquia da igreja católica, ele fala de sua experiência como um jovem comum e também mostra que o chamado (“...*Deus me chamava*”) vem de forma simples e que acontece no cotidiano das pessoas comuns.

De acordo com Hall (1987), a identidade é uma ‘celebração’ móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. No caso do fragmento (10), a identidade do jovem que passa na frente da igreja e recebe o chamado é revista e transformada para assumir uma nova identidade – a de homem que serve a igreja e, posteriormente, de Papa.

Quando o Papa expõe sua identidade pessoal, é possível perceber o uso de uma estratégia para se aproximar ainda mais do ouvinte. À medida que as palavras de Francisco são proferidas, sua identidade de homem e de papa pode ser percebida, pois a situação que encaminhou o Papa até a realização desse discurso foi formada por dias de encontros e de trocas culturais, entre milhares de pessoas do mundo inteiro. Com isso, a pessoa de Francisco e o Papa Francisco se encontram ao decorrer de todo discurso.

Ao final do último parágrafo, o Papa se despede dos voluntários e o faz agradecendo pelo que realizaram naqueles dias. No trecho:

(10) Podem contar sempre com minhas orações, e sei que posso contar com as orações de vocês.

Ele se utiliza mais uma vez de um vocabulário acessível e íntimo (até mesmo quase carinhoso como já mencionado anteriormente), em que, ao dizer que os voluntários podem contar com suas orações, afirma, em seguida, que sabe que pode contar com as orações dos presentes: aqui se afirma uma relação de companheirismo, que une a todos em torno de um mesmo ato e/ou ideal.

O TRABALHO VOLUNTÁRIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No discurso do Papa Francisco, ele prega o valor ao trabalho, mas o trabalho voluntário, serviço de caráter social e comunitário. No trabalho voluntário, a pessoa se presta a servir, a se dedicar a algo e/ou a alguém, sem necessariamente receber algo material em troca; é um trabalho de forma espontânea e, no caso da JMJ, o serviço para Deus e para os outros que ali estavam.

Em relação ao que o Papa expõe sobre o trabalho voluntário, sua proposta vai ao encontro do conceito de *desencaixe*, que se refere ao "deslocamento" das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação por meio de extensões indefinidas de tempo-espço (GIDDENS, 1991). Cabe aqui esta colocação para esclarecer a oposição das palavras do Papa ao agradecer aos voluntários, pois todo trabalho feito não foi realizado pela troca do dinheiro, mas em função de um ideal, uma crença ou até mesmo de fé.

Para Giddens (1991), o dinheiro é um exemplo de *fichas simbólicas*, que são um tipo de mecanismo de desencaixe das atuais relações sociais modernas, considerando que o dinheiro é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna. No entanto, todo o discurso aqui analisado se encaminha para desconstruir a importância social atualmente atribuída a fichas simbólicas - como o dinheiro - e, em contrapartida, levar o leitor/ouvinte a repensar valores sociais amplamente difundidos e naturalizados, sobretudo em sociedades capitalistas. É, conforme o pontífice usa em seu texto, uma proposta de nadar contra a correnteza.

Observamos, com a análise, que o uso dos vocativos (relacionado às escolhas vocabulares), o emprego de metáforas e do recurso da intertextualidade, bem como o tom amigável, fraternal e até mesmo paternal do discurso têm como resultado uma maior proximidade entre a autoridade religiosa que fala e o público fiel que o ouve. Assim, temos um

discurso que dispensa o tom de homília (sermão, que impõe modelo de conduta a seguir) e que assume um tom de aconselhamento amigável, de troca de experiências em que o Pontífice fala de sua experiência e chama seu ouvinte a compartilhar de seus ideais e fé.

Podemos pensar que esse novo tom, mais ameno, mais íntimo e mais amigável, tenha relação com a busca por um novo padrão de relacionamento entre a Igreja e seus fiéis. Um modelo de maior proximidade, de maior abertura ao diálogo e de reposicionamento das identidades do Pontífice (e conseqüentemente da Igreja Católica) e de seus seguidores.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. São Paulo: Editora Ave Maria, (impressão 2002).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999. **Discurso na modernidade tardia**. Tradução livre.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Prática Social**. Trad.: Izabel Magalhães. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago, 1980.

RAMALHO & RESENDE. Viviane. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2011.

Francisca Cordelia Oliveira da SILVA

Doutora em Linguística (2009) e Mestre em Linguística (2005) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB), área de concentração: Linguagem e Sociedade. Licenciada em Letras (1998) - Língua Portuguesa - pela Universidade de Brasília. Atualmente, é Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), Coordenadora Geral do

curso da Licenciatura em Letras EaD da Universidade de Brasília, além de já ter atuado como autora, como supervisora e como tutora de disciplinas do curso. Desenvolve pesquisas em Análise de Discurso Crítica e em Leitura e Produção de Textos na graduação e na Pós-Graduação.

Samantha Resende NASCIMENTO

Graduada em Letras Português e respectiva literatura (2015) pela Universidade de Brasília. Com experiência na área de Língua Portuguesa do Brasil. Monitoria no ensino de gramática, redação, literatura e interpretação de textos. Revisão e elaboração de textos em geral. Atendimento ao público, confecção de relatórios e planilhas. Participação como colaboradora em projetos de extensão da Universidade de Brasília.